

VIDA EM FOLHAS DE PAPEL: OS CADERNOS-DIÁRIO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DO MUNICÍPIO DE FLORIANÓPOLIS

Aline Coelho Ferreira

Graduada em Pedagogia/UDESC
aline.coelho.ferreira@hotmail.com

Raquel Andrade Sasso

Graduada em Pedagogia/UDESC
raquel_sasso@yahoo.com.br

RESUMO

Este artigo discute a relevância do caderno-diário, recurso didático utilizado na Educação de Jovens e Adultos (EJA) do município de Florianópolis, com o objetivo de estabelecer vínculos entre professores e alunos contribuindo para o desenvolvimento das práticas educativas. O recorte de pesquisa apresentado refere-se ao ano de 2011. Foram utilizadas como instrumentos de pesquisa entrevistas compreensivas, observações participantes e leitura dos cadernos-diário para conhecer e compreender os posicionamentos dos alunos sobre este instrumento, assim como sua influência nas relações estabelecidas entre os sujeitos da prática educativa. Os dados demonstram que os alunos valorizam a escrita no recurso didático investigado e que este pode contribuir decisivamente para a sua evasão ou permanência na instituição escolar.

Palavras-Chave: Educação de Jovens e Adultos. Cadernos-diário. Recursos didáticos.

ABSTRACT

This article discusses the relevance of a teacher's diary, a didactic resource used in the Youth and Adult Education (EJA) in the city of Florianópolis, with the aim of establishing links between teachers and students contributing for the development of educative practices. The research selection presented refers to the year of 2011. Comprehensive interviews, participative observations and the reading of teacher's diaries were used as research instruments for knowing and comprehending the students' position about this instrument and its influence in the relations established among the individuals involved the educational practice. Data show that the students value the writing on the didactic resource investigated and that it might contribute decisively for the student's evasion or permanence in the scholar institution.

Keywords: Youth and Adult Education. Teacher's diary. Didactic Resources.

Contextualizando

Durante o ano de 2011, um grupo de alunas¹ do curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Santa Catarina, nas disciplinas de Pesquisa e Prática Pedagógica III e IV, investigaram os cadernos-diário de 90 alunos do segundo segmento do núcleo Centro III da Educação de Jovens e Adultos (EJA) da cidade de Florianópolis. Esta instituição divide essa modalidade de ensino em primeiro e segundo segmento, sendo que o primeiro é “equivalente à alfabetização e às quatro primeiras séries do Ensino Fundamental (1ª à 4ª série)” (FLORIANÓPOLIS, 2008, p. 10) e o segundo “equivalente às cinco últimas séries do Ensino Fundamental (5ª à 9ª série)” (FLORIANÓPOLIS, 2008, p. 10), nível em que o caderno-diário, foco de análise deste artigo, é utilizado com maior ênfase.

Nosso interesse por este instrumento de ensino aflorou, primeiramente, porque utilizávamos na disciplina de Pesquisa e Prática Pedagógica I, II, III e IV um recurso parecido, o Diário de Campo, como um acompanhamento de aprendizagem pessoal e acadêmica também. A partir desta experiência, iniciamos nosso olhar com essa bagagem já predisposta para a pesquisa com os cadernos-diário, os vendo como extensão de nossa própria vivência, com algumas peculiaridades relacionadas à EJA e a sua dinâmica diferenciada de ensino. As dúvidas iniciais também perpassaram o modo como eles contribuem no aprendizado dos alunos e, mais especificamente, no desenvolvimento da escrita - entendendo como se desenvolve a relação do professor com o aluno por meio deste instrumento.

Os cadernos-diário dos alunos da EJA são utilizados, segundo o documento que regula a Estrutura, Funcionamento, Fundamentação e Prática na Educação de Jovens e Adultos do município, para respaldar os professores sob a forma de auxílio às demais atividades da sala de aula e como um instrumento essencial para se estabelecer o vínculo entre professores e alunos (FLORIANÓPOLIS, 2008).

A pesquisa foi realizada a partir da análise dos cadernos-diário dos alunos do segundo segmento da EJA do núcleo Centro III da PMF. Desde a elaboração do projeto de pesquisa até a finalização da investigação, foram necessárias 12 visitas ao campo, sendo que a metade foi no primeiro semestre de 2011, dedicada à elaboração do projeto e à coleta inicial dos dados no campo, e a outra no segundo semestre do mesmo ano, dedicada então ao desenvolvimento da pesquisa.

Para fundamentar nossa pesquisa, foram utilizados conceitos de identidade trazidos por Bauman (2005) e Silva (2009), a fim de entendermos

¹ Aline Coelho Ferreira, Luísa Martins da Silva, Raquel Andrade Sasso, Renata Graziotin Azevedo, Vanessa Tortato.

de que forma os alunos desta escola constroem sua identidade dentro de seu cotidiano na EJA e a expressam nos cadernos-diário. Utilizamos também Galvão e Di Pierro (2007) para discutir o preconceito com relação ao analfabeto e Kleiman (1995) para fundamentar o debate sobre alfabetização e letramento. Seguimos com discussões do autor Viñao Frago (2008), sobre os cadernos de classe, que nos auxiliaram na análise destes materiais que não se expressam oralmente, mas muito podem nos mostrar, e também com explorações acerca dos gêneros discursivos trazidos por Bakhtin (2003), pois algo do que é ocultado na interlocução da sala de aula, é elucidado nas linhas destes cadernos.

Partindo ainda do objetivo de investigar os elementos de aprendizagem que cercavam aquele número inicial de 90 cadernos lidos, selecionamos quatro deles como amostra para entrevistarmos seus autores e estudarmos melhor alguns pontos como a verificação da relação professor e aluno por meio dos cadernos-diário e de que forma são feitas as avaliações dos mesmos pelos professores. Com critérios previamente definidos, os quais, juntamente com a metodologia utilizada, serão explicitados no decorrer deste texto, buscamos verificar se e de que forma os cadernos-diário podem contribuir com o processo de ensino e de aprendizagem dos alunos, sem deixar de lado a observação da escrita no caderno-diário que auxilia também no processo de alfabetização dos estudantes. Todos os passos revelaram aspectos da construção de identidades destes alunos através dos seus diários, de sua escrita para os professores que eram os interlocutores desses textos.

Folhas Entrelaçadas

Para explorarmos assuntos sobre os cadernos-diário necessitamos antes falar sobre os cadernos escolares, sobre o diário e mais especificamente sobre gêneros do discurso, pois os cadernos analisados pertencem a um dos gêneros discursivos utilizados no processo de ensino e de aprendizagem na EJA. Para Bakhtin (2003, p. 262) “cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso”, estando a língua refletida nas relações sociais dos falantes e apresentando marcas da história em que é produzida, mantendo-se em constante construção na sociedade. Cabe a escola ofertar o contato com diferentes gêneros discursivos, ampliando a participação dos alunos em práticas letradas, pois “são os gêneros as matrizes sócio-cognitivas e culturais que permitem participar de atividades letradas das quais nunca antes se participou.” (MATENCIO apud KLEIMAN, 2007, p. 2). Ao falarmos sobre os gêneros *cadernos*, *diários* e *cadernos-diário*, estaremos explorando a ideia de que estes “são elos de uma cadeia que não

apenas une como também dinamiza as relações entre pessoas ou sistemas de linguagens e não apenas entre interlocutor e receptor.” (BAKHTIN apud BRAIT, 2008, p. 158).

Para além de pensar na sua utilidade dentro da escola, os cadernos (para pesquisadores e historiadores, por exemplo) são fontes de informações a respeito de práticas pedagógicas, do cotidiano, de valores e de subjetividades. Segundo Viñao Frago (2008, p. 18),

os cadernos foram utilizados como fonte para o conhecimento das imagens e representações sociais sobre a infância, a escola, a família e outros temas similares; como instrumentos de aculturação escrita; como veículos transmissores de valores e atitudes ou um modo de doutrinação ideológica e política; como meio para o estudo do currículo e das diferentes disciplinas e atividades escolares [...] e como um instrumento de expressão pessoal e subjetiva do aluno.

Os cadernos mostram um recorte sobre o que se pediu – conteúdos - e como foi feito – o formato - onde os possíveis “erros” dos alunos e correções dos professores estarão muitas vezes ocultos, dependendo de sua utilidade e classificação adotada pela escola quanto a este material. Nossa escolha por estes cadernos, que se constituíam como diários produzidos pelos alunos ocorreu devido ao interesse em manusear um material que contivesse também a fala dos professores, a sua postura quanto às necessidades dos alunos em suas anotações.

No que concerne aos diários pessoais e públicos, surgiram há 3.000 a.C., mas entre os anos de 1766 e 1901 sua utilização já era uma prática educacional. Por volta do fim do século XIX, o uso do diário era considerado positivo - quanto ao estímulo à prática de escrita pessoal ou íntima (era mais comum as mães de família escreverem), e negativo - pois a Igreja apontava esta prática como ponto de partida para um tipo de desvio moral (ANTUNES et al., 2009). Historicamente, portanto, na leitura de um diário devem ser levadas em consideração as condições sociais em que o indivíduo está inserido, pois tudo influenciará, direta ou indiretamente, em sua produção. Desta forma, o autor do diário falará através de diferentes pessoas em sua escrita, sua voz apontará outros personagens e poderá aparecer também a fala de terceiros; o outro atravessa as palavras do narrador que tem autoria do diário (ANTUNES et al., 2009).

A partir da autoria dos alunos jovens e adultos, pudemos, enfim, percorrer nosso estudo por um gênero que foi criado para se adaptar às necessidades da EJA do município de Florianópolis: o caderno-diário. Com base em Kleiman (2007), o definimos como um *gênero híbrido*, pois surge da combinação de mais de um tipo de gênero do discurso dos alunos, o que demonstra como a linguagem é dinâmica. Considerando este conceito,

apoiamo-nos em Bakhtin (2003, p. 263), para definir ainda o caderno-diário como um tipo de *gênero secundário*, pois surge “na condição de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado” e, ainda, por ser um caderno, apesar de suas regularidades de objeto escolar, é permitido em seu uso exibir e explorar no entrever de linhas a “personalidade” de seus donos (MIGNOT, 2008), porque mesmo que os cadernos permanecessem na escola, esta poderia ser uma escrita tanto sobre a escola, como uma construção que apontasse questões pessoais do aluno, já que esse gênero é, também, um tipo de diário pessoal.

Esse gênero passou a ser utilizado na EJA como mais uma forma de inserção do aluno na tarefa de codificar e decodificar a escrita do seu afazer pessoal e escolar. Quanto mais artifícios e gêneros estes alunos tiverem contato, maior será a facilidade em lidar fora dos muros da escola com todos os gêneros que encontrarem, sabendo lidar com os “múltiplos letramentos da vida social” (KLEIMAN, 2007, p. 4), o que permite que o indivíduo aja discursivamente. Por este motivo, “é natural que essas representações ou modelos que viabilizam a comunicação na prática social – os gêneros – sejam unidades importantes no planejamento” (KLEIMAN, 2007, p. 12) e, desta forma, que sejam usados como recursos complementares à aprendizagem escolar.

O caderno-diário configura-se como um instrumento importante para o desenvolvimento dos processos de alfabetização perpassados pelos estudantes da EJA de Florianópolis, atuando como “um suporte metodológico” (SOUTO, 2009, p. 175), pois no seu desenvolvimento são aprimoradas habilidades de escrita e de autoria de textos próprios, bem como o exercício da síntese de experiências (SOUTO, 2009). É também por ele que professores observam a escrita, se os alunos formulam frases completas, coerentes e de acordo com a gramática formal; se o seu vocabulário aumentou ou diminuiu, tornando mais claro sobre quais conteúdos o professor pode planejar suas atividades e oficinas, para que fiquem mais significativas ao educando. Além disso, os professores podem conhecer melhor a dinâmica de vida do aluno, pois em alguns relatos apareciam informações da vida dos estudantes, entrecruzadas com questões da escola propriamente.

O caderno-diário investigado é um caderno escolar pequeno e pautado, geralmente igual àqueles utilizados nos anos iniciais, de capa mole, comprado pela escola e entregue aos alunos na primeira semana de aula. Os alunos produzem o estilo do seu caderno-diário através da capa, encapado com papel pardo, ou pintando e desenhando com lápis de cor, caneta hidrocor, caneta esferográfica, lápis, enfim, deixando registrado um pouco da sua identidade. Esse caderno permanece sempre na escola e a professora o distribui de duas a três vezes por semana para que seus alunos escrevam sobre a aula, sobre sua pesquisa - algumas vezes é elencado um tema, outras

vezes o tema da escrita é livre - sobre seu dia, até sobre suas questões mais pessoais, conforme a necessidade e interesse individual do aluno.

Dando vida à ideia de manifestação da individualidade através da escrita, vimos o caderno-diário como um gênero tão próximo do diário pessoal quanto do caderno escolar. Passamos a enxergar este recurso escolar como um ponto que poderia resultar em um maior vínculo entre professores e alunos, de forma que os primeiros poderiam ampliar sua visão perante os segundos, entendendo que sua vida escolar não está separada de seus conflitos familiares nem de seu cotidiano entranhado de responsabilidades típicas da vida adulta e até mesmo das contradições sociais que especificamente estes alunos sofrem no entorno de sua comunidade.

Tratamos aqui de uma especificidade de vida escolar que articula um enorme arcabouço de discriminações, de dificuldades, de tempos de atrasos, de repetências, de compromisso com a integridade familiar, de impasses com experiências desagradáveis com a escola na infância, entre outros, que cada um dos estudantes da EJA tem que superar para persistirem na escola. Os 90 cadernos-diário com os quais tivemos contato no primeiro semestre, reduziram-se a somente 40 no segundo semestre, resultado da evasão dos alunos.

Investigando os Cadernos-diário

Visto que a pesquisa se deu de maneira qualitativa, nosso foco estava pautado em uma metodologia mais ampla de dados descritivos obtidos diretamente com a situação estudada. Nossa intenção foi entender os fenômenos associados ao problema de pesquisa nos aproximando dos sujeitos no lócus de investigação. Além disso, a pesquisa qualitativa empregou o estudo de caso do tipo etnográfico que buscou entender o objeto de pesquisa em sua unidade, enfatizando “o conhecimento do particular” (o caderno-diário, no nosso caso) precisando que entendêssemos o contexto e as relações nas quais o caderno-diário se encontrava, por isso optamos também por utilizar a observação participante em sala de aula nos dias de escrita nesse gênero (ANDRÉ, 2007, p. 31). Realizamos também entrevistas compreensivas com um professor e alunos, as quais não possuem uma estrutura rígida e podem ser reorganizadas durante as interlocuções, o que possibilitou ampliar a investigação (ZAGO, 2003).

Por isso, com as entrevistas compreensivas pudemos analisar os dados encontrados nos cadernos-diário, pois não bastava somente lê-los sem entender melhor o contexto em que eram confeccionados. Viñao Frago (2008, p. 15) afirma que é um erro acreditar que o caderno escolar mostre toda a realidade das atividades escolares de maneira fiel e exata. A partir das entrevistas foi possível perceber o quão rico são os cadernos-diário, para além dos aspectos pedagógicos. Os alunos refletem expectativas (frente aos colegas

de sala, amigos, professores, instituição e família), emoções, ansiedades, perdas, desafios, superações e projetos. Segundo o Documento da EJA de Florianópolis (2008), são propostos alguns temas de escrita para os professores indicarem aos seus alunos, tais como: escreverem o que fizeram no dia, o que acharam das atividades, o que aprenderam com os seus trabalhos (no caso do segundo segmento - a pesquisa), dúvidas que ficaram, dificuldades encontradas, alguma sugestão. Mesmo assim, os alunos tinham o tema da escrita livre, podendo escolher aqueles sobre os quais se sentiam mais à vontade para se expressar, e acabavam diversificando seus temas a cada dia.

Após a análise dos cadernos-diário, definimos os critérios para a seleção dos alunos a serem entrevistados: alunos que acusaram em sua escrita a intenção de desistência, mas que foram persuadidos pelos professores a permanecerem na escola; alunos que mostraram modificações no processo de escrita (ortografia, organização da frase, coerência, volume de texto); alunos que demonstraram interesse em seus textos em escrever nos diários e alunos que, inicialmente, escreviam com certa frequência e, depois, pararam de escrever nos diários.

Os Cadernos-diário Dizem Muito

De uma forma geral, a observação feita sobre os cadernos “depende, pois, da posição que adota aquele que olha. O lugar de onde se olha condiciona não somente o que se vê, mas também como se vê o que se vê” (VIÑAO FRAGO, 2008, p. 15). Assim, no caderno individual ou caderno-diário, apesar de serem encontrados muitos depoimentos pessoais, estes devem ser vistos também como mais um dado de pesquisa, não como uma questão que nos faça falar pelos enunciadores dos cadernos, mesmo que ao lê-los os signifiquemos também com os diversos discursos que compõem nossos enunciados, pois nenhuma pesquisa é neutra.

Gvirtz (2008, p. 44) traz sua ressalva:

Muitas vezes, na ânsia de interpretar, ‘fazemos falar’ nos documentos os sujeitos que cremos estar por trás deles. Mas isso não é possível. Em primeiro lugar, porque um caderno é uma pista; dificilmente poderemos sustentar que quem fala ali é determinada pessoa ou instituição. Além disso, há um razão de índole teórica: é o ato de enunciação que produz um discurso. O caderno não pode falar sobre o enunciador – que está ausente –, mas sobre o próprio enunciado.

Estes enunciados nos falam da importância de um recurso didático alternativo na aprendizagem dos alunos, pois através dele eles podem praticar sua escrita e adquirir novos conhecimentos relacionados à sua alfabetização e às pesquisas que realizam ao longo do ano, além de contribuir com a criação de vínculos com os professores, os quais procuram sempre fazer

comentários, ainda têm a oportunidade de ter um momento de “desabafo”. Muitos necessitam de mais leitura e de atividades diversas para escrever as palavras de acordo com a gramática normativa, pois têm dificuldades em relacionar assuntos em sua escrita e em dar continuidade entre os parágrafos - elementos que interferem na comunicação oral e nas diferentes práticas sociais, as quais possibilitam uma cidadania plena, que está diretamente ligada ao letramento, que amplia o conceito de alfabetização.

Albuquerque e Leal (2004, p. 51) exploram a ideia de *efetivo letramento* do sujeito “produtor de saber e de cultura” pela atuação que pode desempenhar em sua comunidade, o que vai além da alfabetização, pois o processo se desenvolve de forma muito mais significativa. O estudante, jovem ou adulto, aqui “não é um mero portador de conhecimentos prévios que precisariam ser resgatados pelo alfabetizador para ensinar aquilo que quer, mas um sujeito que já constitui uma história de vida, uma identidade e cotidianamente produz cultura”. (ALBUQUERQUE; LEAL, 2004, p. 51).

O caderno-diário mostra como o aluno se constitui sujeito escolarizado e se insere em um crescente número de práticas letradas na sociedade. Os alunos do segundo segmento desta escola de EJA já estavam alfabetizados, mas muitos ainda tinham dificuldades em relação ao letramento que amplia o conceito de alfabetização, a qual se baseia, segundo Kleiman (1995), na decodificação do código gráfico. Ainda em conformidade com Kleiman (1995, p. 19), “podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetos específicos”. Então, não existe alguém que seja totalmente letrado, pois cada um consolida o letramento em práticas específicas e em situações diferentes, os sujeitos podem não desenvolvê-lo da mesma maneira.

Foi visível para nós, pesquisadoras, que os alunos criam um vínculo com seu caderno-diário e que, ao permitirem-se falar mais abertamente através destas linhas, foi possível ampliar nossa discussão. Sabendo da implicação do preconceito na imagem que um sujeito tem de si mesmo e perante o conjunto, vemos o quanto isso pode refletir-se numa situação de desigualdade social, pois ele precisa sentir-se identificado em seu contexto para sentir-se livre, precisa sentir-se pertencente ao seu meio social, pois este

anseio por identidade vem do desejo de segurança, ele próprio um sentimento ambíguo. Embora possa parecer estimulante no curto prazo, cheio de promessas e premonições vagas de uma experiência ainda não vivenciada, flutuar sem apoio num espaço pouco definido, num lugar teimosamente, perturbadoramente, “nem-um-nem-outro”, torna-se a longo prazo uma condição enervante e produtora de ansiedade. (BAUMAN, 2005, p. 35)

Vida em folhas de papel: os cadernos-diário na educação de jovens e adultos do município de Florianópolis

O pertencimento é um sentimento, pode-se dizer assim, de que todo ser humano necessita (muitos sem perceberem) para viver em sociedade, mesmo que o próprio pertencimento possa representar um elemento instável e sem sólidas garantias (BAUMAN, 2005). Os alunos da EJA têm uma história com a escola nem sempre resolvida de uma forma natural ou tranquila, mas que comumente deixa marcas de preconceito que sofreram por não darem continuidade a sua escolarização em idade considerada própria, acarretando uma crise de identidade, bem como de pertencimento a um grupo. Essas marcas foram observadas na leitura de alguns dos cadernos-diário.

Neste contexto de análise da escrita no caderno-diário, portanto, fica clara a importância das discussões sobre letramento, identidade e preconceito. Quando questionados sobre o que achavam de ter um objeto onde escrevem sobre coisas diversas que pensam, fez-se curioso poder observar nos alunos as emoções em seus rostos: sorrisos, histórias que surgiam, silêncios antes das respostas, reflexões, enfim, eram sinais bastante expressivos em suas fisionomias. Um dos alunos-autor², por exemplo, admitiu que no princípio suas escritas eram muito tímidas e não se sentia à vontade para escrever, fazendo registros apenas sobre as aulas. Com o passar da nossa leitura sobre seu caderno-diário, percebemos que este aluno foi adquirindo confiança sobre aquele instrumento e sobre os próprios professores:

A prática de ir escrever no caderno ajuda bastante, porque eu era bem tímida. Eu nem falava na sala. Ai depois que eu comecei a escrever no caderno e os professores responderem, ajuda um pouco. Depois da primeira pesquisa eu fiquei mal, a segunda já teve uma mudança bem grande. Mas agora eu já to bem, agora eu já conversei. (Entrev., Autor G, 05/10/2011)

79

Realizando a entrevista com esta aluna, percebemos que a mudança observada em seu caderno-diário estava muito próxima do que ela sentia após a experiência de ter um instrumento “pessoal” onde podia escrever aquilo que se passava na aula, ou até mesmo em sua vida, o que a permitia sentir-se mais segura quanto ao espaço identificado na escola.

Já outro autor afirmou: *o caderno-diário, é isso que eu penso, é uma forma de a gente contar um pouco da história da gente, porque os nossos colegas de sala nós fomos conhecer aqui e ninguém sabe o que se passa com cada um.* (Entrev., Autor A, 05/10/2011). Aqui pudemos comprovar a importância do caderno-diário na criação de vínculos mais próximos, pois muitas vezes pela timidez ou mesmo pela falta de confiança entre os colegas, “por não saberem o que se passa com cada um”; devido às condições de violência que alguns alunos relataram, havia um receio de aproximação uns com os outros, pouca abertura de alguns alunos para falarem de sua história, mesmo para os professores.

² “Alunos-autor” é utilizado para se referir aos alunos que tiveram os cadernos-diário selecionados para análise. Todos os entrevistados assinaram o termo de livre consentimento e esclarecido.

Temos o exemplo de outro aluno-autor de um caderno-diário, que preferiu não falar muito de sua vida pessoal, mas centrar seu conteúdo na descrição das aulas - o que aparece com mais frequência na fala deste autor do que no caderno dos outros alunos entrevistados -, assim como aparecem elogios aos professores. Já que alguns colegas não têm temas pelos quais se interessem em escrever em determinados dias, ele relata que são sugeridos temas de escrita pelos professores,

“Como que foi a aula hoje”, “como foi o trabalho do amigo”, algo, “ah como é que foi a explicação da matéria de..” exemplo, matemática, português, aula, “como é que foi, o que que vocês entenderam sobre isso”, “o que que você entendeu sobre o trabalho anterior, do seu amigo ou do seu próprio trabalho”, “fale um pouco do seu trabalho.
(Entrev., Autor F, 28/09/2011)

Esta dificuldade de alguns alunos em falar de si parece estar em suas características subjetivas, que podem ter relação ao seu histórico de distinção social resultante da comparação entre as pessoas que se alfabetizaram ainda na infância e as que o fizeram mais tarde, já adultas - estas últimas pertencentes ao lado da diferença, aqui trazido como o destoante, ou o que não pertence, perante os alunos que conseguiram concluir a educação básica ainda na adolescência. A presente diferenciação entre alfabetizados e não alfabetizados é recorrente, porque as afirmações de uma identidade só são significativas quando nossa sociedade apresenta-se tão heterogênea que permite a diferenciação dos seres/culturas/nações, portanto a necessidade de afirmar-se perante o outro: a “mesmidade (ou a identidade) porta sempre o traço da outridade (ou da diferença)” (SILVA, 2009, p. 79).

Desta forma, o caderno-diário, sendo individual e privativo, lido somente pelo aluno e pelos professores, permite uma maior tranquilidade e despreocupação quanto ao que vai ser dito. Existe, assim, um auxílio ao professor para entender de forma mais natural o que se passa com os alunos, um modo menos expositivo que permite uma intervenção positiva quando a ele for oportuno. O caderno-diário torna-se, muitas vezes, um bom recurso para lidar com passados marcados pelo preconceito, contudo sem constringer o aluno com qualquer exposição inconveniente.

A questão da vergonha no relacionamento com os professores e colegas está muito presente na EJA, mas de acordo com as observações em campo, notamos que ela se ameniza conforme o tempo na escola e com o próprio auxílio do caderno-diário. É possível também haver o resultado inverso se as respostas dos professores não corresponderem às expectativas dos alunos, como, por exemplo, se chamarem a atenção dos alunos negativamente, isso pode repelir sua credibilidade, gerar medo e insegurança.

As correções de grafia do caderno-diário costumavam ser muito raras, porque os professores combinaram de não corrigirem diretamente a

escrita dos alunos, mesmo não existindo nenhuma observação sobre isso no Documento da EJA 2008. Mignot (2008, p. 37) aponta que essas marcas de correção são “pensadas como dispositivos que medeiam às relações de ensino e aprendizagem e como evidências dos contextos políticos, sociais e ideológicos em que se produzem”.

Segundo o professor entrevistado, *no caderno-diário a gente não corrige nada [...] a gente procura usar as mesmas palavras que eles usaram erradas, de forma correta no texto resposta* (Entrev., Professor 1, 03/05/2011), por ser um caderno-diário que é usado para vínculo, temendo que o aluno fique constrangido ao ser corrigido e comece a escrever pouco ou com menos frequência. Ao perguntarmos a um aluno-autor se ele gostaria de ser corrigido no seu diário, ele respondeu:

Depende do português de cada um, eu acho que o meu não seja 100%, mas aquele 90% já cabe, então, mas eu acho legal se corrigisse, se botasse pontuação, daí eles explicavam ligado aonde que tem as pontuações que precisam realmente ir. Acho legal isso, porque a pontuação vale na nossa comunidade, então a gente precisa, mesmo na pontuação a gente, nós falamos direito, precisamos muitos pontos, aquela torpidinha na palavra que tu possa gratificar no teu próprio serviço lá fora, acho bem legal isso. (Entrev., Autor F, 28/09/2011)

Outro autor respondeu a mesma pergunta da seguinte forma: *O certo é eles corrigirem. Muita coisa às vezes eu escrevo errado e eles não corrigem. Eles deviam chegar e dizer que tá errado e mandar arrumar a letra.* (Entrev., Autor S, 28/09/2011).

Inferimos que para ambos entrevistados as correções ortográficas poderiam ser, dependendo da forma como fossem realizadas, positivas e não constrangedoras. Mesmo que seja uma correção implícita, como a comentada pela professora, ela poderia ser fundamental para a aprendizagem e os alunos compartilham da necessidade deste retorno, já que a escola é o local onde os conhecimentos sistematizados devem ser ensinados.

Portanto, a escola deve oportunizar o conhecimento das normas ortográficas para os alunos, nos cadernos-diário e em outros instrumentos e atividades didáticas. Mesmo sendo o caderno-diário o instrumento que vai possibilitar o aluno criar um vínculo com os professores, ele é também significativo para o desenvolvimento do jovem e do adulto que estão praticando a escrita naquele espaço. Nessas condições em que o aluno quer aprender e o professor se coloca ao lado dele, a correção ortográfica não estaria focada apenas no erro, mas no aperfeiçoamento, e dificilmente vai ser sinônimo de repreensão ou constrangimento.

Além das correções, outro aspecto importante nos diários são as respostas dos professores, que podem ser decisivas na continuidade

da escrita dos alunos. Como o caderno-diário pretende ser utilizado no sentido de aumentar a afetividade, a confiança e a ligação entre o aluno e o professor, “os professores deverão também fazer uso dele, principalmente para a construção de vínculo a partir de um diálogo” (FLORIANÓPOLIS, 2008, p. 15), não podendo ser lido para os outros colegas se o seu autor não permitir. A relação entre estes estudantes demora em aprofundar vínculos e, muitas vezes, necessita da intervenção da própria escola por mediação dos educadores, em oficinas e em dinâmicas.

Cada aluno vai atribuir significado ao caderno-diário e criar expectativas quanto ao posicionamento diferente dos professores. Portanto, o posicionamento dos professores frente ao caderno-diário, visto que é um objeto pessoal, se faz diversificado dependendo das expectativas de cada sujeito. Ao ser indagado se apreciava o retorno dos professores em seu diário, um autor respondeu: *Algumas professoras eu respondo certo porque eu gosto, mas tem algumas que eu não respondo.* (Entrev., Autor S, 28/9/2011). Aqui notamos que a resposta do professor é determinante para sua próxima escrita.

Em conversa informal, o Professor 1 afirmou: *Todos os nossos alunos têm uma ruptura com a escola* (Diário de campo Renata, 14/9/2011), isto porque são repetentes, excluídos, considerados fracassados pela sociedade. Muitos se consideram responsáveis por sua condição, condição essa que os fez buscar a EJA - o que representaria, nas palavras de Leite (2011), a formação de uma autoestima negativa e, do contrário, ao conseguir a persistência nos estudos, uma história de sucesso aumentaria muito a probabilidade de o sujeito desenvolver uma autoestima considerada positiva, o ser capaz de.

O caderno-diário é importante ao possibilitar um vínculo entre professor e aluno, colaborando para a aprendizagem do sujeito. Os professores tendo um melhor entendimento do que se passa no contexto de seus alunos, inevitavelmente aproximam-se deles e adquirem confiança mútua, o que pode contribuir com sua permanência na escola desde que o profissional esteja apto a aconselhar o aluno, entendendo suas angústias e dificuldades em manter-se na escola.

Em vista disso, a resposta escrita pelos professores nestes cadernos deve ser feita com tamanha atenção, porque assim como sua escrita pode contribuir com o bom desempenho do aluno na EJA, pode também desestimulá-lo, seja por alguma crítica mal formulada no caderno-diário, seja por alguma correção sem objetivos claros. Observamos que os professores em todos os momentos, tanto ministrando as aulas, quanto ao escreverem nos cadernos-diário, pareciam buscar estratégias de estímulo para estes alunos permanecerem participativos e presentes na escola e para que não deixassem de escrever nos seus diários.

É árduo o trabalho dos professores para manter os alunos na escola, pois frequentá-la constitui-se como um valor social que define a vontade em

superar este rótulo de excluído da vida escolar e, portanto, da sociedade, já que estes alunos da EJA “pertencem a segmentos sociais específicos, que têm sido objeto de generalizações pouco fundamentadas sobre supostas relações entre funcionamento psicológico e pobreza, baixo nível instrucional e baixa qualificação profissional” (OLIVEIRA, 2004, p. 227), representando uma estigmatização causada pelo nível escolar do indivíduo que “desiste” de frequentar a escola.

Isto é, são alunos portadores de “identidades aplicadas e impostas por outros – identidades de que eles próprios se ressentem, mas não têm permissão de abandonar nem das quais conseguem se livrar. Identidades que estereotipam, humilham, desumanizam, estigmatizam...” (BAUMAN, 2005, p. 44). Aqui também está presente a influência que o poder dos mais privilegiados exerce sobre os que têm menos privilégios - o que pode ser traduzido, respectivamente, pelos indivíduos que puderam frequentar a escola na idade recomendada e os que não o puderam fazer.

Tentando contornar todo o rastro de estereótipos apontados acima, o caderno-diário parece trazer novos sentidos deste *voltar à escola*, pois os resultados desta escrita já foram testados e interpretados como positivos, assim como afirma o Professor 1:

No ano passado tivemos uma aluna que [...] no início das anotações com o caderno-diário ela escrevia muito mal, quando chegou final do ano eu disse “gente, vocês perceberam como a lara melhorou?”. Percebemos que a forma, o vocabulário dela aumentou, a vontade de escrever aumentou, porque antes escrevia uma frase, duas, daqui a pouco já tinha quase uma página inteira escrita. Então observamos que as pessoas também criam uma intimidade com o caderno e uma proximidade com os professores. Às vezes os alunos elegem um professor para responder sempre seus diários. Então é muito, muito legal. (Entrev., Professor 1, 03/05/2011)

O olhar otimista do professor frente aos ganhos destes alunos, de chamar a atenção deles dizendo como um de seus colegas “melhorou” com a escrita no caderno-diário foi uma constante nas nossas visitas.

Outro assunto encontrado nos cadernos-diário diz respeito à preocupação dos alunos com o desenvolvimento da sua aprendizagem:

Os professores deveriam passar alguma coisa no quadro, pois a gente não escreve nada. Dois colegas meus já saíram da sala, começaram tudo de novo desde a primeira até a quinta. Na primeira pelo menos tem prova, tu escreve, tem matemática e aqui a gente não faz nada, só pergunta, a gente faz um monte de pergunta igual vocês estão fazendo aqui [...]. A gente quer aprender a escrever, aprender a fazer as contas [...]. Eu voltaria (desde a primeira) pra eu ter mais segurança do que eu to fazendo. Aqui o cara não tem seguro, vamos supor que tu vai fazer uma prova porque ta em

outro curso. Eu faria de elétrica de novo, eu fiz de ar condicionado e quero fazer de elétrica mesmo. Aí tem uma prova lá que tu não vai entender, tem um monte de coisa lá que tu não entendes, como é que tu vai responder a prova? (Entrev., Autor S, 28/9/2011).

A preocupação deste autor é interessante para pensarmos sobre a proposta da EJA da Prefeitura Municipal de Florianópolis baseada na pesquisa como princípio educativo³ e seu impacto para quem está habituado com o método tradicional de ensino - pautado na ideia da transmissão de conteúdos e da classificação por notas, ou do professor que *passa coisas no quadro*, como o autor mesmo aponta ser necessário para aprender. O que a EJA propõe é uma metodologia que nenhum Ensino Fundamental oportuniza, constituindo-se num desafio tanto para o professor quanto para o aluno e sua inserção nas diferentes atividades sociais.

Em qualquer metodologia e ensino com o qual o aluno não se identifique, ele apenas reproduzirá os conteúdos transmitidos e a aprendizagem ocorrerá de maneira mecânica. É fundamental a significação do aluno sobre o processo de ensino e aprendizagem. Muitos alunos da EJA acreditam que o ensino deveria estar baseado em atividades mecânicas como no ensino tradicional, a exemplo da prova, citada por ele mesmo como modelo de avaliação quando foi perguntado se ele sabia por que os professores não corrigiam seus erros no caderno-diário: *Porque eles não olham o diário, se eles olhassem direito o diário iam chegar na escola e olhar como se fosse uma prova - 'isso aqui tá errado, isso aqui tá certo' - e dar o ok deles.* (Entrev., Autor S, 28/09/2011).

Porém, durante a observação de alguns momentos em sala de aula, notamos que as atividades mais significativas para eles eram aquelas em que eles viam reflexos em seu cotidiano, que contribuíam para a sua maior inserção na sociedade. Havia grande participação, por exemplo, quando as professoras falavam sobre as pesquisas que eles mesmos desenvolviam como uma das avaliações e que tinham um foco de interesse escolhido por eles.

Considerações Finais

A lógica vivenciada pelos alunos da EJA representa uma articulação de segregação social, pois são alvos de preconceito quanto a sua identidade de aluno “atrasado”, ao passo que não puderam concluir o ensino regular no momento previsto pela legislação, sendo sujeitos excluídos ou diferentes, dentro da “normalidade” do tempo escolar, do esperado pela

³ A EJA da prefeitura municipal de Florianópolis possui uma metodologia de ensino diferenciada, baseada na pesquisa como princípio educativo. Nessa metodologia os alunos são incentivados a pesquisarem uma temática de seu interesse e a desenvolverem pesquisas em grupo sobre as temáticas. Por não ser foco desse trabalho, não se entrará em mais detalhes sobre a metodologia de ensino utilizada na instituição. Para melhor aprofundamento nessa questão ver Florianópolis (2008).

sociedade. Quando se fala em identidade e diferença, em sua condição de inseparabilidade, há jogos, nem sempre implícitos, de forças, de disputas por representatividade no todo social, jogos que excluem ao incluir, que demarcam fronteiras entre “nós e eles”, que classificam e que determinam os “normais” e os “anormais”. Um dos desafios da EJA é o de problematizar estas identidades e diferenças, questionar a diversidade de culturas, indagar se trata-se da multiculturalidade de fato, ou apenas reproduz-se a cultura dominante, que se mantém homogeneizando as demais culturas. O que foi proposto aqui é que, através destes cadernos-diário, pudéssemos encontrar algumas pistas relacionadas à identidade destes alunos, pistas essas que incorporassem sentidos no decorrer das linhas escritas e das confissões não ditas pela fala – ditas apenas nas folhas dos diários.

Com as análises, identificamos que este gênero híbrido utilizado na EJA da Prefeitura Municipal de Florianópolis oferece bons recursos ao professor que saiba conduzi-lo de uma forma individualizada, pois em uma só ferramenta é possível explorar um texto narrativo com caráter dialogal, mas também descritivo, por exemplo. Mesmo os alunos mais tímidos ou inseguros podem expressar-se mais livremente até sentirem maior liberdade nas relações interpessoais que se formam na sala de aula. Desde que estejam claros os limites de cada aluno e as limitações que o caderno-diário apresenta quanto a aprendizagem, ele pode ser um instrumento produtor de saber. Para que seja favorecido o aperfeiçoamento do letramento destes alunos, é essencial que o professor estabeleça uma relação franca e afetuosa com eles.

Conforme se observou nesta pesquisa, na maior parte das vezes, a resposta dos professores aos escritos dos alunos era esperada com ansiedade. Infere-se que, através dos cadernos-diário, possibilita-se uma maior consolidação de vínculos e, portanto, o processo de ensino tende a resultar no êxito dos alunos no seu objetivo de produzir conhecimentos e de ampliar seus horizontes de experiências escolares como um todo. Da mesma forma, se os alunos sentirem-se intimidados ou não valorizados pelos professores em seus escritos, este recurso didático pode dificultar o processo de ensino.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, E. B. C. de; LEAL, T. F. (Org.). **A Alfabetização de Jovens e Adultos**: em uma perspectiva de letramento. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. 13. ed. Campinas: Papirus, 2007.

ANTUNES, A. do A.; NASCIMENTO, N. de P. do; VARGAS, S. L. **O Gênero Diário Pessoal**: as múltiplas vozes em textos de alunos das séries iniciais. Cadernos do CNLF, vol. XIII, n. 04, 2009. p. 2279-2293.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAUMAN, Z.; **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BRAIT, B. **Bakhtin**: conceitos-chave. 2. ed., 2ª impressão. – São Paulo: Contexto, 2008.

FLORIANÓPOLIS, Departamento de Educação Continuada. **Estrutura, Funcionamento, Fundamentação e Prática na Educação de Jovens e Adultos EJA – 2008**. Florianópolis, 2008.

FRAGO, A. V. Os cadernos escolares como fonte histórica: aspectos metodológicos e historiográficos. In: MIGNOT, A. C. (Org). **Cadernos à vista**: escola, memória e cultura escrita. Rio de Janeiro: Eduerj, 2008. p. 15-34.

GALVÃO, A. M. de O.; DI PIERRO, M. C. **Preconceito contra o analfabeto**. São Paulo: Cortez, 2007.

GVIRTZ, S. Os cadernos de classe como fonte primária de pesquisa: alcances e limites teóricos e metodológicos para sua abordagem. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. (Org). **Cadernos à vista**: escola, memória e cultura escrita. Rio de Janeiro: Eduerj, 2008. p. 35-48.

KLEIMAN, Â. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: **Os significados do letramento**. Uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995. p. 15-61.

_____. **Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna**. Signo. Santa Cruz do Sul, v. 32 n. 53, p. 1-25, dez. 2007.

LEITE, S. Afetividade e práticas pedagógicas: Construindo o Sucesso Escolar. In: **Aulas magistrais faculdade de educação** – FE/UNICAMP. 2011, São Paulo. Disponível em: <<http://www.prg.unicamp.br/aulas/index.php/afetividade-e-praticas-pedagogicas>>. Acesso em: 18 nov. 2011.

MIGNOT, A. C. V. (Org). **Cadernos à vista**: escola, memória e cultura escrita. Rio de Janeiro: Eduerj, 2008.

*Vida em folhas de papel: os cadernos-diário na educação de
jovens e adultos do município de Florianópolis*

OLIVEIRA, M. K. de. Ciclos de vida: algumas questões sobre a psicologia do adulto. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 211-229, maio/ago. 2004.

SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 73-102.

SOUTO, R. B. “Olá diário” Escolarização e escrita pessoal na EJA. In: SILVA, Cristiani Bereta da. **Histórias e trajetórias de jovens e adult@s em busca de escolarização**. Florianópolis: Ed. UDESC, 2009. p. 175-185

ZAGO, N. **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

Recebido em: 17/06/2013

Aprovado em: 25/10/2013